

Inédito de Rui Cinatti

An unpublished writing by Ruy Cinatti

Vasco Rosa

Pesquisador

vr.janelasverdes@gmailcom

Resumo: Texto inédito de Ruy Cinatti.

Palavras-chave: Ruy Cinatti; Portugal; Poesia Portuguesa.

Abstract: An unpublished writing by Ruy Cinatti.

Keywords: Ruy Cinatti; Portugal; Portuguese poetry.

Recebido em 27 de dezembro de 2015

Aprovado em 29 de dezembro de 2015

O sonho das ilhas ocultas

Se a vida e a obra de Ruy Cinatti não se perderam já no esquecimento, isso deve-se em grande parte à perseverança de Peter Stilwell, que recolheu da residência do poeta o seu arquivo pessoal e biblioteca (ou, melhor dito: o que do seu arquivo e biblioteca restou de rapinas e saques ocorridos nos últimos tempos de vida de Cinatti) e o encaminhou para a Universidade Católica de Lisboa, onde foi conservado desde então e onde agora se promove o seu devido tratamento arquivístico e acondicionamento adequado, além dum inventário rigoroso, proximamente disponível também à distância.

Stilwell foi igualmente decisivo na publicação de alguns pequenos livros de poemas deixados prontos para impressão, e mais ainda dando a conhecer, no seu magistral *A Condição Humana em Ruy Cinatti* – um livro há muito esgotado, mas em breve disponível em e-book pela Universidade Católica Editora (por cortesia da Editorial Presença) – a existência de muitos escritos de juventude, aliás nunca reunidos em livro, e de um diário escrito intermitentemente ao longo duma década, de 1933 a 1943.

Parte desse diário foi escrito durante o cruzeiro “às colónias portuguesas da África ocidental”, no verão de 1935, uma experiência determinante na vida do poeta, então estudante de Agronomia. Aí também escreveu o conto “Ossobó”, que Jorge Dias considerou “caso único na nossa literatura moderna e muito grande em qualquer outra” e Stilwell admite como “quase autobiográfico”, porque expressão do “pássaro pensante” que o poeta reconhecia em si mesmo, a ponto de reeditá-lo – mais de três décadas depois – como *plaque* para dádivas natalícias em 1967. Alguns excertos de prosa de viagem seriam divulgados em revistas de alguma circulação mas hoje de consulta restrita, pelo que, no contexto do centenário do nascimento de Ruy Cinatti e dos trinta anos da sua morte, em breve serão compilados num volume justamente intitulado *A Alegria do Descobrimento. Dispersos e inéditos 1930-48*, também pela acima referida chancela universitária.

Da mesma viagem e diário pertencem as páginas inéditas adiante publicadas, que transcrevi do espólio de Ruy Cinatti depositado na biblioteca do Museu Nacional de Etnologia, em Lisboa, e que de um modo especial nos aproximam do poeta feito prosador na sua primeira viagem de deslumbramento marítimo e tropical. Na solidão nocturna, no camarote e no convés, o jovem de 20 anos enfrenta a vastidão do Atlântico como campo aberto para os seus sonhos imaginados na leitura de autores clássicos, portugueses e ingleses, livros que simbolicamente levou consigo na mala e a que chama “amigos do silêncio”. Uma vez mais e sempre, a Aventura como eixo central da vida do poeta, afinal também um prosador e fotógrafo, ainda por conhecer, discutir e estimar – aproveitando o impulso dado por uma efeméride redonda que parece ser, entre nós, humanos, a condição *sine qua non* para que os inesquecíveis sejam um pouco menos esquecidos...

[Os meus amigos do silêncio]

12 de Agosto de 1935

Ainda que fosse esse o meu desejo, não podia ficar ali, no convés ao ar livre, gozando o prazer instrutivo de me encontrar com o Mar. Tinha como os outros de descer: as malas esperavam que as arrumasse no lugar conveniente onde, pela manhã, pudesse remexer sem incomodar os outros e sem me incomodar a mim.

Ia descendo as escadas e como agora, mas com a maior novidade das sensações novas, ouvia o barulho forte das máquinas e das hélices conduzindo e dando-me a impressão de um monstro escondido na caserna.

As malas dificultavam-me a entrada no camarote e isso irritava-me um pouco. Para que seria necessário usar malas?!... Perguntas como estas desapareciam logo, depois de as ter lido na parede branca do meu espírito e vinham outras a substituí-las à menor contrariedade que se oferecesse ao corpo.

Lembro-me bem do que fiz ontem à tarde. Pelo menos as impressões que se fixaram em imagens. Vou tentar. São imagens que se não seguem mas que de qualquer maneira invisível se ligam entre si.

Empoleirado no meu beliche, olho o camarote, olho as malas que os companheiros deixaram sobre as camas para marcar lugar. A vigia cortada por três varões de ferro deixa que o céu entre como deve entrar nas prisões e também o barulho uniforme das ondas a bater no casco (que bem que as oiço agora). Devo estar perto. Eu estou prestes a ser descoberto por um acontecimento interessantíssimo. Basta saltar para o chão para me encontrar ao nível suposto das águas, porque as ondas sobem mais alto e isto faz-me pensar no barco, a nossa prisão que nos leva a caminho da liberdade, prisão tão pequena no grande oceano onde nós somos ainda mais pequenos, porém com aspirações maiores que as do mesmo grande oceano.

Pronto. Aí vem a sensação de infinito que é tão insaciável até nas coisas pequeninas em que se nos depara. As coisas inanimadas parecem não possuir significação, mas é suficiente um segundo de nós próprios para elas a mostrarem com grandiosidade nunca sonhada.

Neste pequeno beliche quantos terão sido os que se evadiram pelo mundo fora, quantas esperanças se terão acalentado, desesperos, lágrimas,

estou certo de que as houve, sossegados no balanço que adormece? Sinto vontade de escutar...

Sinto vontade de escutar o que vem da escuridão, porque eu tinha começado por me ver no meu beliche a arrumar as malas e a reparar nas novas instalações. Tudo tinha forma, cor. Tenho mesmo a impressão de que poderia agarrar em qualquer coisa e sentir. Mas depois começaram as ondas a cantar e o céu luminoso a entrar pela vigia e é tão forte a impressão que deixo de ser eu para me confundir com as camas de ferro e com as malas abertas a abarrotar de objectos que julgo necessários.

E depois da impressão luminosa veio a escuridão. Só oiço o murmúrio das ondas em cântico de glória; elas cantam sempre e as vozes são inebriantes; é nesse cantar que eu, na escuridão, me aproximo daqueles que, antes de mim, fugiam na estrada livre do oceano.

Numa prateleira improvisada aos pés da cama acabo de colocar os meus amigos do silêncio e agora estou de joelhos, quase a adorá-los, embevecido de os ter aqui, tão perto que quando estiver deitado posso descansar os olhos neles e em cada um apreender uma sensação diferente. Ainda em terra, ao arrumar as malas, pus-me a escolher os que me deviam acompanhar. Percorria os títulos e ficava com saudade de os não poder trazer todos. Quais?! A vontade pedia que os trouxesse, todos, porque a todos amo. Mas isso era impossível e a certeza dessa impossibilidade punha-me indeciso na escolha. Até que o tempo que passava me obrigou a reagir. Quais?! Dava preferência aos livros de viagem e aos poetas que me falassem do Mar. Quem melhor me poder fazer compreender?! Quem melhor me poderia guiar e ensinar no descobrimento que fosse pressentindo?!

E como os livros são meus amigos. As letras, as capas, o sentido misterioso, profético em cada um deles, que me comove ou me faz sorrir, ter pena, alegria, saudade: todos os sentimentos que agitam a alma humana; os livros que nos deixam abstractos com o pensamento prolongado, indefinido ou os que nos respondem com franqueza, confiantes e nos deixam penetrados de luz clara. Há também outras coisas que eu não sei exprimir. Com eles vou viajar pelo mundo enorme, por eles pormenorizo a vida lá em baixo, no fundo largo, batalhando, e me animo a experimentar as empresas mais difíceis.

Demais, coloquei-os aqui tão perto que quando adormecer eles hão-de dirigir o fio dos meus sonhos para os sítios longínquos onde eu já nada sou.

Poemas, livros. Porque será que me agrada falar muito dos meus livros?! E porque será que me sinto desejoso de escrever para aqui muitas coisas sobre os meus livros?!

E a pena é que não sei dizer nada do que se passa agora em mim; tudo é puro como a água e o mundo das coisas que se descrevem ficou muito aquém da beleza que existe nos meus livros e que eu transformei.

No entanto procuro escrever. Que ao menos estas impressões relembrem daqui a muito tempo a simplicidade que se não descreve.

Lusíadas, poema do meu Portugal. A caravela que vai descobrir o novo mundo, a caravela que é Portugal todo desvendando o Mar no entusiasmo da grande aventura.

Portugal! Oh, o teu nome é lindo e heróico. O teu nome, minha Pátria, rima com todas as palavras que o homem descobriu para conceber a maravilha. Portugal! Teu nome é triunfal. O sangue que te percorre vem dos longes em que a história se perde: é ancestral. Bem o quer, e enquanto passar o tempo, será imortal o teu nome.

Vês, visionas a caravela, ó amigo inseparável. Cada peça necessária foi feita pelo homem. Em cada homem havia a mesma fé. E quando as peças se juntaram, a caravela ergueu-se sobre as ondas e foi ao descobrimento. E houve um homem que cantou a obra magnífica onde a razão se associa ao mistério e a beleza à eternidade. E desse homem prefiro esquecer o nome, porque a sua obra ultrapassou-o; foi a navegar pelos mares fora até aos confins do mundo. Portugal!...

A caravela avança. Ao sul está o cabo Bojador. Qu'importa se eu também sou marinheiro e se sei que o meu sangue vai a transmigrar nas quinças da bandeira, pelo caminho que o homem já sulcou.

A vida rude que nos faz ter coragem, força e alegria, eu a vivo agora e a visão da vida é cheia de glória.

O livro belo está ao alcance da mão. Abro-o, olho as letras tomando vida, vivendo como então.

A tarde anoitece e a palidez da luz espalha-se pela coberta onde nós vamos sentados. Alguém conta uma bonita história que nos faz ansiosos por conhecer o fim. São os Doze de Inglaterra? Parece-me que estou a gostar mais da fuga de Fernão Veloso e imagino os lugares de que me vou a aproximar.

E depois vem a grande tempestade: as pequenas naus desaparecem nos abismos líquidos e aparecem outra vez, trazidas no impulso tenaz do homem, subjugado pelos elementos e dominando-os; passam os

contos dos santos e dos heróis, dos cavaleiros e dos mareantes, D. João de Castro, Afonso de Albuquerque, sei lá, tudo porque vale a pena viver e viver combatendo.

Como me orgulho, orgulho santo este, na verificação de quanto a nossa vida é grande na sua majestosa realidade! Epopeia. Epopeia. Portugal! Esplêndido que vai ser, magnífico que já é, eu estar a ouvir o teu coração pleno de nobreza, pulsando sobre o Mar que atravessamos. O próprio Mar tornou-se Portugal! Como já me encho de saudade ao ouvir no marulhar das ondas as baladas dos marinheiros de outrora!

Passa um, passam dois. Hesito na busca de outra vida onde reine uma alma nova.

Peregrinaçam. Ó Fernão Mendes Pinto. A tua realidade sem deixar de ser fantástica aproxima-se de mim e de todos os homens. Já te não admiro, mas amo-te, quero-te como a um irmão. Não me esmaga a verdade da tua história, porque é de todos nós a sua iluminação, mais humana, mais perto de mim. É maior a tua influência na aventura e no deslumbramento que me arrasta numa vaga de entusiasmo e de desgosto. Ó meu irmão menor!

Assim é: a fuga, a indiferença, o esquecimento são impossíveis. E eu bem queria fugir. Porém, quando tomamos a consciência de um destino, podemos querer fugir-lhe muitas vezes, poderemos querer parar o curso dessa ideia; a voz do fundo da alma vem sempre a chamar em contínuas insistências e finalmente somos arrastados, de novo, pelo nosso próprio movimento. O plano em que vivemos tornou-se diferente.

Peregrinaçam. Peregrinação pela Terra fora, desejo cósmico da minha alma. Porque procuro resistir-lhe, sentindo-me na posse do irresistível!

Joseph Conrad, Stevenson, Masefield. Alguns poemas escritos em papel e copiados à pressa do livro de um amigo. Um deles realiza-se tão bem na memória que o poderia começar a recitar. O autor chamou-lhe “Sea fever” e é bem o título que o poeta lhe daria. “Sea fever”, a febre do Mar. E começa assim: “I must go down to the sea again | To the lovely sea and skye...”

A febre do Mar, a febre do desconhecido, o sonho das ilhas ocultas nas brumas do Oceano! Que deliciosas visões revivem na minha alma e lhe dão um sopro de saudade!

Conrad. Dele trago *Typhon*, a descrição das fúrias do vento e do Mar, do vento que vem do Mar e para o Mar traz a tempestade. Eu sei que

não vou para as regiões por ele descritas no seu estilo de nevoeiro e de mistério e que se adequa maravilhosamente ao ambiente em que melhor viveu. Ele subia os rios do Congo nas canoas indígenas e eu observo naturalmente e com comodidade tudo a que meus olhos for passando, de fora, sem sentir a vida das plantas insignificantes da floresta, colhendo as impressões em conjunto desordenado. Por isso quero ler de novo *O Coração das Trevas*. Talvez que assim possa, ao menos, ao de leve, aproximar-me da sua vida de aventura.

E o mesmo sucede a *Trader Horn*. Aos 19 anos e obedecendo aos seus impulsos, este rapaz arrojou-se para o centro de África e foi feliz. Maravilhoso gesto este, de se arrojar para o centro do continente desconhecido e ser feliz! Assim desejava que me acontecesse.

O canto dos remos movendo-se nas águas, o contentamento das paisagens desvendadas, com que angústia lhe farão dizer agora, velho de setenta: “Ah, se eu pudesse voltar...”

Stevenson. O poeta do inesperado e delicioso encanto que para conter uma linda paisagem, escreve serenamente uma linda frase. Ao seu túmulo na ilha de Samoa vão meditar todos os que amam os seus livros. Caminho de coração fidelíssimo. Assim chamaram os habitantes da ilha ao caminho da sepultura daquele a quem tanto amaram. “An island landfall.” Uma paisagem insular. Evoco uma ilha distante, perdido no grande Oceano, lá longe, para o outro lado da terra, e vem-me em ligação subtil, desconhecida, a lembrança das ilhas de São Tomé e Príncipe. Estou certo de que em as descobrindo, lerei nelas “An island landfall”.

Outros sobrevivem, continuam, e a eles eu desejava mostrar como lhes quero. É evidente que nunca poderei mostrar como lhes quero. O desejo de completar o meu diário é que me faz ter a veleidade de transmitir o que a simpatia me sugere. Continuar não posso, é-me impossível; o tempo passa, é já bem tarde e os camarates recolheram os viajantes, quase todos aqueles para quem viver de noite é um hábito ou necessidade; só, de vez em quando, a luz é cortada à minha frente por um estranho, de cabeça baixa, que mede os passos ao longo do convés. Consola-me o pensamento, porém, de que esses de que não falo estiveram presentes comigo mesmo, enquanto eu ia escrevendo sobre os outros, nesses instantes em que eu falei dos outros.

Acontece-me o mesmo para com tudo: as impressões são muitas e mesmo que de todas desse conta, ser-me-ia impossível enumerar as sugestões que depois vêm. É a dificuldade que encontro na redacção

deste diário. Para quem todas as coisas são revelação contínua, é difícil isolar. Há uma impressão, aparece outra, e logo as relaciono; e a relação prossegue mesmo com o que se não depara aos meus sentidos. Há sempre um tesouro a descobrir e o pior é que desejo ser só para uma coisa e acabo, indeciso, por não poder ser todo para tudo. Abriu-se a porta misteriosa; para lá os caminhos aparecem, ao longe mais sombrios, menos perceptíveis, e eu fico parado a olhar para cada um, sabendo de antemão que qualquer deles é um destino certo, mas desgostando-me a escolha de um pelo outro.

Que resolução hei-de tomar? Não sei e talvez me não importe. Talvez esta impressão seja mais forte, esta ou aquela; porque não aceitar o que, à memória, juntou mais rapidez? É o que vou fazer naturalmente, mas sempre desgostoso. Eu sei que qualquer das impressões tomadas a capricho vale tanto como todas as outras que ficaram escondidas. Não fôra o tempo e a vontade irreflectida, seria maior a demora e porventura melhor a escolha, e talvez não porque afinal em todas permanece idêntica importância e a mesma beleza inicial.

Por isso, eu sei-o, quando falava do Fernão Mendes Pinto, os livros de que não falo ajudavam amorosamente ao estado do meu espírito e o mesmo será quando estiver no sul de Angola. Porquê?! Talvez porque, quando lá estiver, me hei-de lembrar da terra onde tenho vivido e onde os melhores dias se passaram, os plainos do Ribatejo, tanta coisa linda que já conheço e amo, com o entusiasmo com que hei-de amar ao que desconheço.

É tarde. Não posso escrever mais. Apetece-me dormir para me poder levantar cedo. Está tudo calado, adormecido, só o Mar não adormece e continua o mar escuro, iluminado apenas pelas luzes estranhas que nele vivem, com as ondas mais altas, o próprio oceano cada vez mais alto a esconder o barco que o navega. O Mar e a Noite coligam-se na luta, mas o navio avança no mistério que nos cerca. Outra vez. Há claros-escuros na coberta, tudo silencioso, o mesmo silêncio de outras eras, dos tempos em que as caravelas descobriram. Porque não? A noite convida, as velas correm desfraldadas ao vento nocturno. Sou o nauta do navio antigo que ficou de quarto. Nos céus vai uma estrela. Sê bendita estrela que nos guias. O navio corre mais depressa e o cordame range nas enxarcias. E eu sei que não posso ser o nauta do navio antigo, mas a ilusão persiste.

Cada vez mais tarde. Cabeceio de sono; o marulho das ondas e o silêncio da noite tranquila fazem nascer em mim o desejo de permanecer aqui mais tempo, de ser só eu o viajante do navio deserto à meia-noite. É bom estar só, acompanhado apenas do pensamento dos que nos precederam e dos que conosco vivem; só assim, por milagroso efeito, eu posso reunir os caminhos todos porque se me perde o espírito; só assim, em pensamento, eu posso, falando de um navio ou do Oceano, condensar na ideia o mundo inteiro da realidade e dos meus sonhos.

O tempo vai passando. A noite continua, mas já outras estrelas, que eu não vejo, porque um véu de nuvens revestiu o céu, vieram substituir as que há pouco me iluminavam. Eu tenho de descansar.